

um
BAR em
COPACABANA



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carmo, Evan do

Um bar em Copacabana / Evan do Carmo. -- Águas Claras,
DF : Ed. da Autora, 2024.

ISBN 978-65-01-19207-9

1. Prosa brasileira I. Título.

24-233507

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Prosa : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

EVAN DO CARMO

um
BAR em
COPACABANA



EDITOR DO CARMO

Evangelista Bezerra do Carmo
Brasília/DF

Copyright 2024 por **Evan do Carmo**

Um Bar em Copacabana

Coordenação editorial:

Evangelista Bezerra do Carmo

Diagramação:

Bruno Eustáquio

Capa:

Evan do Carmo



EDITOR DO CARMO

editoradocarmo@gmail.com

Editor Evan do Carmo 61-98118-8607

Sumário

Prefácio.....	9
O Último Acorde.....	17
A Chegada de Artur a Copacabana	25
As Primeiras Notas de um Sonho	31
Reflexões ao Amanhecer.....	39
Noite de Conspirações e Sonhos.....	47
Um Acorde de Coragem	57
Silêncios Entre Nós.....	67
A Arte de Viver	75
Julia e as Melodias de uma Vida.....	83
O Despertar do Coração.....	91
Um Piano em Copacabana.....	101



O Último Romântico	107
Entre o Pó e o Mistério	115
A Escuridão Desce sobre o Bar	123
Lançamento e Esperança.....	131
Encontros e Recomeços	141
Ecos da Ditadura	151
Noite de Reflexões e Paixões.....	161
Café e Livros	169
Reflexões de um Coração Solitário	179
A Partida de Julia.....	187
O Eco da Melancolia.....	197
O Eco do Desespero	205
A Noite da Homenagem.....	213
Ecos de Liberdade	231



A Tempestade que Se Aproxima.....	241
As Sombras do Passado	257
O Reencontro no Rio.....	269
A Noite de Vitória	275
Nova Jornada em Paris.....	283
Um Sonho Renovado.....	289
O Eco da Criação.....	295



Prefácio

Em uma cidade que nunca dorme, onde os sonhos dançam sob a luz do sol, “Um Bar em Copacabana”, de Evan do Carmo, se revela como uma verdadeira ode à vida, ao amor e à incessante busca por significado. Este livro não apenas nos transporta para as vibrantes ruas de Copacabana, mas nos convida a refletir sobre as complexidades da existência humana, tudo isso envolto em uma prosa poética e cativante.

Copacabana, com suas ondas quebrando suavemente na areia, é mais do que um cenário; é um personagem pulsante. A praia, os quiosques e a atmosfera contagiante da zona sul do Rio de Janeiro se tornam o pano de fundo de uma história rica em emoções, cultura e um toque de nostalgia. Evan do Carmo vai além da mera descrição da paisagem; ele a personifica, tornando-a uma extensão da alma de seus personagens. Cada esquina, cada onda que se quebra na areia, traz à tona memórias e sentimentos universais que ecoam em todos nós.

Os personagens são o coração pulsante desta narrativa. Artur, o protagonista, carrega o peso de suas experiências, a dor da perda e o desejo de renovação. Através de seus olhos, vivenciamos as alegrias e tristezas da vida. Artur nos ensina que o amor não é um destino, mas uma jornada — uma travessia repleta de reveses e triunfos. Sua luta para



encontrar um lugar no mundo reflete a condição humana, algo com o qual todos podemos nos identificar. Na busca por propósito, ele encontra Julia, que representa uma nova esperança e oportunidade. Esta relação é uma das muitas camadas que o autor habilmente constrói, levando-nos a questionar: até onde iríamos em busca da nossa própria felicidade?

O bar em Copacabana, ponto de encontro de muitas personagens, simboliza comunhão, encontros e desencontros. É um espaço onde as histórias se entrelaçam, onde música e conversa se misturam ao som das ondas. Neste local, os sonhos são compartilhados e as mágoas, aliviadas. Evan do Carmo captura magistralmente a essência desse lugar, mostrando que, apesar das dificuldades da vida, sempre há espaço para o riso, a amizade e a esperança. Através do bar, entendemos que mesmo nas adversidades, podemos encontrar momentos de alegria. Cada copo levantado é um brinde à vida, ao amor e à amizade.

A riqueza dos detalhes na narrativa é impressionante. O autor pinta imagens vívidas de Copacabana, permitindo que o leitor sinta a brisa do mar, o calor do sol e a energia vibrante da cidade. As descrições são tão ricas que é impossível não se sentir parte da história. Enquanto lemos, quase ouvimos os violões, sentimos os aromas dos pratos servidos e vemos as luzes piscando à noite. Cada cena é cuidadosamente construída, transformando a leitura em



uma experiência sensorial. A música, a culinária e as tradições cariocas entrelaçam-se na narrativa, criando uma tapeçaria rica que reflete a cultura local.

Porém, “Um Bar em Copacabana” vai além da simples narrativa de uma cidade e seus habitantes. O livro aborda questões universais — a perda, a superação, a redescoberta do amor e o desejo de pertencimento. A luta de Artur para se reerguer após a perda de sua esposa, Helena, ecoa com muitos de nós que já enfrentamos a dor da saudade. A maneira como ele navega entre tristeza e esperança é um testemunho da resiliência do espírito humano. Evan do Carmo nos lembra que mesmo nos momentos mais sombrios, sempre existe um caminho para a luz.

O autor também não se esquivava das nuances da vida contemporânea no Brasil. Ele aborda a complexidade das relações interpessoais e as transformações culturais que permeiam a vida carioca. Questões políticas e sociais são entrelaçadas na narrativa de maneira sutil, mas poderosa, adicionando uma camada extra de profundidade ao texto e permitindo que o leitor se conecte emocionalmente com os personagens e reflita sobre o contexto em que vivem.

Os diálogos são outro ponto forte do livro. As interações entre os personagens — ora leves e humoradas, ora carregadas da seriedade que a vida exige — são realistas e autênticas. As conversas no bar vão além da troca de palavras; são reflexões sobre a vida, escolhas e o que significa amar e



ser amado. Cada personagem traz uma perspectiva única, enriquecendo ainda mais a história. O leitor é convidado a ouvir as vozes de cada um, entendendo suas dores, alegrias e esperanças.

À medida que avançamos na leitura, percebemos que a verdadeira essência de «Um Bar em Copacabana» não está apenas na história de Artur e Julia, mas na celebração da vida em todas as suas complexidades. A obra nos ensina que os relacionamentos são o que realmente importa, que a conexão humana é fundamental e que devemos valorizar cada momento, mesmo os mais simples.

Evan do Carmo nos apresenta um convite à introspecção e à contemplação. Em um mundo frenético e superficial, o autor nos convida a desacelerar e apreciar a beleza ao nosso redor. O livro nos lembra da importância de ouvir as histórias que nos cercam, conectar-se com os que amamos e celebrar a vida, mesmo em suas imperfeições.

A narrativa culmina em uma jornada de autodescoberta e renovação. O leitor acompanha Artur em sua travessia emocional, confrontando memórias, lidando com a dor da perda e abrindo seu coração para um novo amor. O autor oferece uma mensagem de esperança e resiliência, ensinando que mesmo após a tragédia, a vida pode recomeçar e o amor pode renascer.



Ao final desta obra, é impossível não sentir uma sensação de realização. “Um Bar em Copacabana” é uma celebração da vida, uma reflexão sobre a complexidade das relações humanas e uma lembrança de que, apesar das adversidades, a beleza da vida é sempre digna de ser vivida.

Portanto, convido você, leitor, a mergulhar nesta narrativa. Permita-se sentir, refletir e se emocionar a cada página. Embarque na jornada de Artur e Julia e descubra que, assim como as ondas do mar, a vida é feita de altos e baixos, sempre retornando à praia, trazendo novos começos e infinitas possibilidades.

A magia de “Um Bar em Copacabana” não está apenas em suas palavras, mas em sua capacidade de nos tocar profundamente. Ao ler, você encontrará não apenas a história de dois amantes, mas também uma reflexão sobre o que significa ser humano, amar e, acima de tudo, viver plenamente.

Evan do Carmo nos presenteia com uma obra que é, simultaneamente, um tributo ao passado e uma celebração do futuro. Que possamos nos inspirar em sua mensagem e lembrar que, mesmo nas tempestades da vida, sempre há um bar à beira-mar onde podemos nos reunir, contar nossas histórias e brindar ao amor, à amizade e à vida.

Alufa Licuta



“Os homens não oferecem um sorriso de aprovação se não forem envolvidos em palavras doces de bajulação, como flores que só desabrocham quando regadas com elogios.”







O Último Acorde

.....

Era uma manhã chuvosa em São Paulo quando Artur recebeu a notícia que mudaria sua vida para sempre. A voz do médico, sombria e hesitante, ecoava em seus ouvidos, como uma melodia triste que se recusava a cessar. Helena, sua esposa amada, estava com câncer. As palavras, embora já esperadas, caíram como um peso sobre seus ombros, despedaçando o pouco de serenidade que ainda restava em seu coração.

Artur, um homem de sessenta anos, sempre se considerou um lutador. Tinha passado a vida inteira como chefe, sempre à frente de uma equipe, sempre decidido a vencer. Contudo, aquela luta era diferente. A doença de Helena não era uma batalha que ele pudesse enfrentar com bravura ou estratégia. Era uma tempestade que se aproximava, e ele se sentia impotente, como um músico que tenta tocar uma canção em meio a um vendaval.

A progressão da doença foi rápida e cruel. Helena, sempre tão cheia de vida, agora parecia um espectro de si mesma. Os cabelos que antes brilhavam, tão negros e espessos, agora estavam ralos, e o brilho em seus olhos, que sempre iluminou seus dias, estava gradualmente se apagando. Artur se sentava ao lado dela, segurando sua mão, enquanto os médicos tentavam encontrar palavras de esperança. Mas a verdade era que eles sabiam o que estava por vir.



Os dias tornaram-se uma mescla de hospital, consultas e longas horas de espera. Artur sentia como se estivesse vivendo um pesadelo do qual não conseguia acordar. Ele observava Helena se esforçando para sorrir, mesmo quando a dor a consumia. Ela sempre havia sido a força de sua vida, a música que dava ritmo aos seus dias. Agora, Artur se via preso em uma sinfonia dissonante, onde cada nota era um lembrete do que estava para se perder.

Em meio ao desespero, os amigos apareceram, oferecendo apoio, mas as palavras de consolo pareciam vazias. Eles falavam sobre como a vida continuaria, como um dia o tempo curaria as feridas, mas Artur sabia que a ausência de Helena deixaria um vazio que jamais seria preenchido. Às vezes, ele se perguntava como seguir em frente sem sua companheira, sem a mulher que havia estado ao seu lado em cada momento importante de sua vida.

Luísa, sua filha, estava em Paris. A cada dia que passava, Artur se perguntava se deveria ligar para ela. Como contar que a mãe dela estava morrendo? Como explicar que a vida, como a conheciam, estava prestes a mudar irrevogavelmente? A notícia chegou a Luísa por meio de um telefonema de um amigo da família. As palavras foram recebidas com um choque que a deixou sem ar.

— Eu preciso voltar, pai — ela disse, sua voz trêmula.
— O que posso fazer?



Artur queria que sua filha estivesse ali, ao seu lado, mas também sabia que Luísa estava construindo sua própria vida. Ela havia partido para a Europa em busca de seus sonhos, de um futuro que, ele esperava, incluísse um lugar ao lado de sua mãe. Mas quando o sol se pôs sobre aquela tarde chuvosa, Luísa decidiu que não poderia ficar em São Paulo. A dor era intensa, e ela não se sentia pronta para enfrentar a perda. Optou por retornar a Paris, onde as lembranças de sua mãe eram mais suaves, mais fáceis de suportar.

Nos meses seguintes, enquanto a saúde de Helena se deteriorava, Artur se viu imerso em um mar de solidão. Luísa lhe escrevia cartas, contando sobre seus estudos, suas amizades, suas experiências em Paris, mas cada palavra parecia mais um lembrete do que ele estava perdendo. Ele sentia falta da presença de Helena, das conversas à noite, do calor de seu abraço, do riso que enchia a casa.

A doença tomou conta de Helena de uma forma brutal. O que antes era uma mulher vibrante, cheia de vida e sonhos, agora se tornava uma sombra do que fora. Artur lutava contra o desespero, tentando se manter forte, mas, à medida que os dias se passavam, ele começou a perceber que estava se perdendo no processo. A música que sempre o acompanhou parecia ter desaparecido, e sua alma estava envolta em uma melancolia opressora.



As noites se tornaram intermináveis. Ele sentava-se ao piano, tentando tocar as melodias que um dia lhe trouxeram alegria, mas as notas saíam tortas, como se refletissem seu coração despedaçado. Lembrava-se das vezes em que tocava para Helena, como ela sorriu ao ouvir suas canções. Agora, tudo parecia distante e irreal.

A última semana de Helena foi um turbilhão de emoções. Artur não se afastou de seu lado, mesmo quando ela começou a se perder em um estado de confusão. Ele segurou sua mão, sussurrando palavras de amor e encorajamento, mas, em seu íntimo, sentia que não havia nada que pudesse fazer. Ele a observava lentamente se afastar, e seu coração se partia a cada respiração difícil que ela dava.

Os amigos vieram e foram, cada um trazendo uma oferta de apoio. Mas a dor de Artur era solitária. Quando finalmente chegou o dia da despedida, ele sentou-se ao lado da cama, com os olhos cheios de lágrimas. Helena parecia tão tranquila, tão distante, e ele se perguntava se, em algum lugar, ela já estava livre da dor que a consumia. Ele se lembrou de todas as promessas que fizeram, dos planos de envelhecer juntos, de viver à beira-mar, de tocar música até o fim. Mas o destino não tinha lugar para esses sonhos.



A morte de Helena foi uma ferida que nunca cicatrizaria. No funeral, Artur se sentiu perdido em um mar de rostos tristes, enquanto sua filha estava longe, a milhares de quilômetros, presa em seus próprios pensamentos. Luísa tinha enviado flores e uma carta, cheia de amor e dor, mas a distância parecia insuportável.

Naqueles momentos de luto, Artur percebeu que não poderia continuar a viver em São Paulo, na cidade onde cada esquina trazia memórias de Helena. Ele sonhava com o Rio de Janeiro, um lugar que sempre representara liberdade e renovação, e, assim que a poeira da tristeza começou a assentar, ele tomou uma decisão: iria para o Rio. A cidade, com seu calor e sua música, poderia ser a salvação que ele tanto buscava.

Ao se preparar para a mudança, Artur lembrou-se das promessas que havia feito a si mesmo. Ele era um músico, um poeta, e, apesar da dor, ainda tinha vida dentro de si. As lembranças de Helena o acompanhariam, mas ele sabia que não poderia deixar que sua dor o consumisse. Ele tinha um novo sonho — abrir um bar em Copacabana, onde poderia compartilhar sua música e sua paixão com o mundo.

O luto ainda estava presente, mas agora havia uma chama de esperança. Artur estava determinado a transformar sua vida, a se reinventar. E, ao olhar para o futuro,



ele começou a sentir que, mesmo na escuridão, a música ainda poderia ser a luz que o guiasse.

Naquele momento, ele finalmente entendeu que, embora a vida o tivesse desafiado, ainda havia espaço para a criatividade, para a alegria, para a construção de um novo lar. O luto nunca desapareceria completamente, mas a música sempre encontraria um caminho para renascer, mesmo em meio ao caos.

Artur estava pronto para embarcar em uma nova jornada, em busca de sua própria liberdade e da possibilidade de um recomeço. E, enquanto a memória de Helena continuaria a viver em seu coração, ele sabia que o melhor tributo que poderia oferecer a ela era seguir em frente, vivendo intensamente, e, quem sabe, encontrando um novo amor nas notas que ecoavam na brisa carioca.







A Chegada de Artur a Copacabana

.....

Artur chegou ao Rio de Janeiro em 1966, carregando a saudade de Helena, sua amada esposa que partira, deixando um vazio que ele não sabia como preencher. O sol brilhava intensamente sobre as águas da praia de Copacabana, e as ondas pareciam dançar em um ritmo que ecoava sua ansiedade. Ele desceu do ônibus, com a mochila pendurada no ombro e o coração oscilando entre a esperança e o medo. A vida como chef de cozinha em São Paulo já não lhe trazia satisfação, e ele estava decidido a recomeçar.

A brisa do mar era revigorante e prometia novas experiências. Artur se lembrava das noites em que sonhara em viver na Cidade Maravilhosa, cercado pela música e pela arte. O Rio era um lugar onde os sonhos pareciam mais próximos, onde a Bossa Nova ecoava em cada esquina, acompanhada pelo som das ondas. Mas também sabia que a realidade não seria tão simples. O Brasil atravessava um período turbulento, e a ditadura estava se consolidando, como uma sombra que se estendia sobre a liberdade.

Ele caminhou pela orla, observando os banhistas e os vendedores ambulantes, sentindo o cheiro do mar misturado ao aroma do café e dos quitutes que emanavam das barracas. Finalmente, chegou ao local onde decidira abrir seu bar, um pequeno espaço que ele havia alugado em uma esquina da Avenida Atlântica, com uma vista deslumbrante para o mar. Era um lugar simples, mas ele



tinha grandes planos para aquele espaço. Queria que se tornasse um refúgio para artistas e boêmios, um lugar onde a música e a liberdade pudessem florescer.

Artur batizou o bar de *Acordes e Sabores*, uma homenagem à sua paixão pela música e pela gastronomia. As paredes eram adornadas com fotografias de ícones da Bossa Nova e cartazes de artistas, refletindo a atmosfera vibrante que ele desejava criar. Ele mesmo pintou o letreiro, sua caligrafia revelando sua ansiedade e entusiasmo. Os primeiros clientes chegaram, atraídos pela novidade. Havia um clima de curiosidade no ar, e Artur, com seu jeito acolhedor, rapidamente conquistou a simpatia do público. Cada risada, cada conversa, era uma pequena vitória que o fazia sentir-se um pouco mais em casa.

A inauguração aconteceu numa noite quente de verão. Ele encheu o bar de música, um som suave que remetia ao romantismo carioca. O ambiente estava iluminado por lanternas que lançavam sombras dançantes nas paredes, criando uma atmosfera íntima e acolhedora. Amigos e conhecidos, alguns vindos de São Paulo, compareceram para prestigiar a nova empreitada. A música de Tom Jobim e Vinicius de Moraes fluía pelo ar, acompanhada de drinques e petiscos que Artur havia escolhido cuidadosamente.



O Acordes e Sabores rapidamente se tornou um ponto de encontro para artistas, músicos e intelectuais. A conversa e a música se entrelaçavam como se fizessem parte de um mesmo tecido vibrante. Artur, que sempre fora um pianista talentoso, finalmente sentia que poderia se expressar plenamente. Embora tivesse passado a maior parte da vida como chef, suprimindo seu lado artístico, naquele bar ele poderia ser o que realmente era: um músico, um poeta, um sonhador.

Durante a inauguração, um cantor de renome apareceu de surpresa. Ao entrar, o homem trouxe consigo uma energia que iluminou o ambiente. O reconhecimento foi imediato; aquele artista era a própria essência da Bossa Nova. Artur sentiu um misto de emoção e apreensão. O bar, que ele havia imaginado como um espaço de liberdade e criatividade, estava se transformando em um verdadeiro palco para os sonhos que ele pensara abandonados.

Naquele instante, ao observar a interação entre os artistas e o público, Artur percebeu que, apesar das dificuldades à frente, havia uma luz de esperança brilhando em seu novo lar. O Acordes e Sabores não era apenas um empreendimento; era uma extensão de sua alma, um testemunho de sua resiliência. Ele sabia que, ao olhar para o futuro, poderia enfrentar as incertezas com a mesma coragem que o trouxera até ali.



Naquele primeiro dia em Copacabana, Artur deu os primeiros passos em direção a uma nova fase de sua vida, cercado pela música, arte e a promessa de um recomeço. Ele estava decidido a encarar o futuro com tranquilidade, vivendo cada dia como uma oportunidade para transformar a dor em inspiração, a solidão em cumplicidade, e o caos em algo belo. O *Acordes e Sabores* não era apenas um bar, mas um símbolo da própria jornada de Artur. Ali, ele sonhava em criar um refúgio onde a vida e a arte pudessem florescer lado a lado, oferecendo espaço para quem, como ele, buscava se reinventar e encontrar beleza no processo.

.



